

SEÇÃO: DOSSIÊ FILOSOFIAS FEMINISTAS

MAPEAMENTO DE PESQUISAS QUE DIALOGAM COM DONNA HARAWAY NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS: AUSÊNCIAS E POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS¹

Mapping of research that dialogues with Donna Haraway at the Federal University of Amazonas: absences and possibilities for the teaching of exact and natural sciences

Ruth Reis de Oliveira²

Elrismar A. Gomes Oliveira³

Resumo: Este estudo, de abordagem qualitativa e desenvolvido na perspectiva do Mapeamento em Pesquisa Educacional, teve como objetivo mapear pesquisas que referenciam a epistemóloga feminista Donna Haraway e compreender os temas a partir dos quais sua obra tem sido mobilizada, com especial atenção à área de ciências exatas e naturais. O mapeamento, realizado na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a partir do descritor “Haraway”, evidenciou que a epistemóloga é referenciada para abordar temas que vão desde os conceitos de Saberes localizados, Ciborgue, Pensamento multiespécie e Chthuluceno. Em algumas produções, suas ideias são mobilizadas de forma marcada e com apropriação teórica, em outras a autora aparece de forma mais superficial. Na área de ciências exatas e naturais, nosso foco de pesquisa, constatou-se a ausência de diálogo entre Haraway e as produções desse campo. Embora a UFAM possua programas voltados ao ensino de ciências, nenhuma pesquisa desses programas foi localizada no mapeamento com diálogo teórico ou metodológico com a epistemóloga feminista Donna Haraway. Os dados revelam predominância de diálogos com Haraway nas ciências humanas e sociais e uma oportunidade de ampliação teórica para os programas de ensino de ciências da UFAM, que podem se beneficiar de aportes feministas críticos para repensar práticas, epistemologias e modos de produção de conhecimento no campo.

Palavras-chave: Saberes localizados. Ciborgue. Multiespécie. Chthuluceno.

¹ Agradecemos à Universidade Federal do Amazonas (UFAM), ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH), bem como à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), cujo subsídio de pesquisa foi fundamental para a realização e o desenvolvimento deste trabalho.

² Mestranda no Programa de Pós - Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH) do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA)/Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Licenciada em Ciências: Matemática e Física. E-mail: ruth99.reis@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7809-7574>.

³ Doutora em Ensino de Ciências, professora do curso de Licenciatura em Ciências: Matemática e Física e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: elrismaroliveira@ufam.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5922-0273>.

Abstract: This qualitative research, developed from the perspective of Educational Research Mapping, aimed to map research that references feminist epistemologist Donna Haraway and understand the themes from which her work has been mobilized, with special attention to the field of exact and natural sciences. The mapping, carried out in the Digital Library of Theses and Dissertations of the Federal University of Amazonas (UFAM), using the descriptor “Haraway,” showed that the epistemologist is referenced to address themes ranging from the concepts of localized knowledge, cyborg, multispecies thinking, and Cthuluceno. In some works, her ideas are mobilized in a marked way and with theoretical appropriation, while in others, the author appears more superficially. In the area of exact and natural sciences, our research focus, there was a lack of dialogue between Haraway and the works in this field. Although UFAM has programs focused on science education, no research from these programs was found in the mapping with theoretical or methodological dialogue with feminist epistemologist Donna Haraway. The data reveal a predominance of dialogues with Haraway in the humanities and social sciences and an opportunity for theoretical expansion for UFAM's science education programs, which can benefit from critical feminist contributions to rethink practices, epistemologies, and modes of knowledge production in the educational field.

Key words: Localized knowledge. Cyborg. Multispecies. Cthulucene.

1 Epistemologias feministas — questionando o pensamento hegemônico

A epistemologia da ciência é um campo filosófico que busca compreender a natureza, os fundamentos e a legitimidade do conhecimento científico, encontrando “[...] na filosofia o seu princípio e na ciência o seu objeto” (Oliveira, 2016, p. 18). A origem da palavra “epistemologia” vem dos termos gregos “*episteme*” (ciência) e “*logos*” (estudo), significando estudo sobre a ciência (Oliveira, 2016). Sobre a tradução dos termos, alguns (mas) autores (as) defendem que “*episteme* pode ser traduzida como conhecimento (*knowledge*), entendimento (*understanding*) ou familiaridade (*acquaintance*) e *logos* como explicação (*account*), argumento (*argument*) ou razão (*reason*)” (Ketzer, 2021, p. 1).

Em seu livro *Epistemologia e educação*, Oliveira (2016, p. 18) define a epistemologia como “[...] uma disciplina filosófica que reflete criticamente sobre o conhecimento científico”. A autora sintetiza ainda que a função desse ramo da filosofia é “refletir sobre a prática dos cientistas, considerando o conhecimento um processo histórico, as ciências em vias de se fazerem, em seu processo de gênese, formação e estruturação progressiva” (Oliveira, 2016, p. 18).

Outros (as) autores (as) conceituam a epistemologia como uma “análise crítica das ciências, tanto as ciências exatas ou matemáticas, quanto as naturais e as humanas; avaliação dos métodos e dos resultados das ciências; compatibilidades e incompatibilidades entre as ciências; formas de relações entre as ciências” (Chauí, 2000, p. 66). Tesser (1995, p. 92), por sua vez, no trabalho intitulado *Principais linhas epistemológicas contemporâneas*, conceitua a epistemologia como um “estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das

diversas ciências”.

Diante do sucesso das teorias científicas contemporâneas, questionar a certeza do conhecimento que possuímos hoje parece uma ironia intelectual, no entanto esse questionamento vem desde a Antiguidade. Menegat (2014), em seu livro *Introdução à epistemologia*, afirma que questionar a certeza do conhecimento vem da antiga Grécia e, para Platão (obra *Teeteto*), “[...] pode ser considerada como originadora da epistemologia, no sentido geral de teoria do conhecimento” (Menegat, 2014, p. 26).

Oliveira (2016, p. 29) aponta que, por meio da Teoria das Ideias, Platão rebateu o conhecimento baseado nas “aparências” e “ilusões” por este não alcançar um saber universalmente válido, “[...] atribuindo à razão a única possibilidade de se obter um conhecimento objetivamente válido e universal”. A autora afirma ainda que, na concepção platônica, a *episteme* era vista como uma atividade racional sustentada pela verdade, fundamentada na evidência da razão.

Ao longo dos séculos, diversas correntes e tradições filosóficas dedicaram-se a analisar o problema do conhecimento, muitas das quais foram fortemente influenciadas pelas concepções racionalistas de Platão. Um exemplo é a filosofia de Descartes, no século XVII, que também é considerada racionalista. De acordo com Borges (2009, p. 180), “[...] tanto no sistema de Platão quanto no de Descartes o objetivo é deixar para trás as aparências, ilusórias e enganadoras, e atingir a essência primordial sobre a qual todos os demais conhecimentos podem ser obtidos”.

Assim como Platão, Descartes “[...] separa a certeza, cuja validade epistemológica está situada na evidência da razão [...]” (Oliveira, 2016, p. 57). A primeira certeza estabelecida por Descartes, em suas *Meditações metafísicas*, foi o sujeito pensante, que se tornou o fundamento de todas as outras certezas. Nesse contexto, Descartes afirma a certeza do *cogito* (ênfatizando o sujeito que pensa e logo existe), procurando, assim, retirar da subjetividade do pensamento qualquer concretude individual; em outras palavras, “não é do homem concreto que Descartes nos fala, mas de uma natureza humana, de uma essência universal” (Garcia-Roza, 1987, p. 14).

A partir da segunda metade do século XX, o modelo proposto por Descartes começou a ser questionado por novas correntes epistemológicas. Um dos movimentos mais significativos é o da epistemologia feminista, que traz à tona uma crítica ao sujeito como um

ser descorporificado, alegando que “esse sujeito purificado, que nega o corpo, seria na verdade um sujeito europeu e branco, que ao libertar-se do corpo, na verdade liberta-se dos outros (o feminino, o não-branco)” (Ketzer, 2021, p. 5).

A epistemologia feminista é marcada pela reivindicação do corpo, baseando-se na ideia de que “reivindicar um sujeito corporificado significa situá-lo no tempo, no espaço, considerando aspectos sociais e físicos” (Ketzer, 2021, p. 5). Para Longino (2012), o feminismo, ao reivindicar o corpo, pressupõe que o sujeito corporificado é capaz de adquirir conhecimento e que “as vítimas da dúvida cartesiana não só compreendem de forma distorcida as condições de ação cognitiva significativa como também não percebem os aspectos significantes da experiência cognitiva, do saber” (Longino, 2012, p. 515).

Para Oliveira (2016), ao retirar a concretude da subjetividade, obtém-se a perspectiva de que o corpo não passa de uma máquina sem qualidade, puramente quantitativa, não se assinalando a cor da pele, a raça, o sexo. Desse modo, “[...] Descartes, sob a pretensa universalização do espírito, pensa, a partir do homem branco e europeu, ocultando o processo de colonização” (Oliveira, 2016, p. 58). Segundo Longino (2012, p. 514), “Descartes encontrou a fonte da autoridade na razão, mas uma razão purificada e descorporificada [...] o eu descorporificado, o verdadeiro eu, é a base da razão e da vontade, da cognição e da ação, enquanto o corpo repudiado se torna um mero mecanismo”.

Donna Haraway figura entre as epistemólogas feministas mais influentes no debate contemporâneo sobre ciência, tecnologia e produção de conhecimento. Ela possui graduação em Zoologia e doutorado em Biologia com ênfase em História da Ciência; essa multiplicidade intelectual é decisiva para a formulação de suas principais contribuições teóricas. Sua formação lhe permitiu reconhecer as limitações do modelo cartesiano, baseado na separação rígida entre mente e corpo, sujeito e objeto, natureza e cultura, separações que, segundo a autora, obscurecem as condições materiais, históricas e políticas que produzem o conhecimento científico, crítica desenvolvida de modo central em Saberes localizados (Haraway, 2009). Seu trânsito por debates feministas, marxistas, cibernéticos e pós-humanistas possibilitou-lhe pensar tecnologia, corpo e política de forma integrada, dando origem à figura do Ciborgue, apresentada no ensaio “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX” (Haraway, 2019), como metáfora crítica que rompe essas fronteiras herdadas da racionalidade cartesiana. Já seus trabalhos posteriores

sobre mundos multiespécies e antropologia da ciência, especialmente em *When species meet* (Haraway, 2008), sustentam sua defesa de ontologias relacionais e ecologias de coabitação, que fundamentam sua noção de relações multiespécies. Essa perspectiva amplia-se em sua crítica ao Antropoceno e na proposição do Chthuluceno (Haraway, 2016), em que a autora discute formas de habitar o planeta baseadas em cuidado e responsabilidade interespécies. A obra de Haraway também se manifesta em pesquisas da área de ciências exatas e naturais, como evidenciam trabalhos em educação em ciências/química (Faustino, 2024), educação matemática (Pisani, 2020), história da ciência/educação em ciências (Sepúlveda, 2022) e história de mulheres nas exatas (Menezes, 2015).

Nesse contexto, a partir de uma revisão narrativa realizada no Repositório Institucional da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), buscamos mapear pesquisas que referenciam a epistemóloga feminista Donna Haraway e compreender os temas a partir dos quais sua obra tem sido mobilizada, com especial atenção à área de ciências exatas. Esse estudo integra a pesquisa de mestrado da primeira autora, que adota a autoetnografia como caminho para colocar no centro da análise suas experiências enquanto mulher ribeirinha com trajetória acadêmica nas ciências exatas e naturais. A escolha por Donna Haraway se justifica pelas potentes articulações que sua epistemologia possibilita entre estudos feministas, crítica científica e modos situados de produção de conhecimento. Assim, esta pesquisa contribui para evidenciar como as inserções geográficas, sociais e culturais da pesquisadora e de outras mulheres, tensionam, reconfiguram e interrogam as formas de saber que são produzidas, legitimadas ou silenciadas no campo científico.

2 Metodologia

Esta investigação consta de uma pesquisa documental com abordagem qualitativa, articulada à realização de uma revisão narrativa desenvolvida na perspectiva do mapeamento em pesquisa educacional de Biembengut (2008). Os mapeamentos permitem “[...] estabelecer imagens da realidade e dar sentido às diversas informações, captando características relevantes e representando-as por meios inteligíveis a quem possa interessar” (Biembengut, 2008, p. 294). A pesquisa qualitativa viabiliza aproximar os (as) participantes da cena das questões investigadas, bem como tornar os focos, que inicialmente eram amplos, mais específicos à medida que o processo se desenvolveu e o pesquisador foi delineando-os melhor

(Lüdke; André, 2012).

Para o levantamento, foi utilizado o método de revisão narrativa, o qual não segue critérios rígidos e sistemáticos de inclusão e exclusão para a busca e para a análise crítica da literatura, propiciando espaço para a subjetividade dos (as) autores (as) (FCA/Unesp, 2015). O mapeamento foi realizado na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFAM utilizando o descritor “Haraway”. A escolha dessa instituição da região Norte do Brasil se fundamenta na intenção de reconhecer e visibilizar as produções acadêmicas originadas no Amazonas, contexto historicamente invisibilizado em relação ao restante do Brasil, além de estar vinculada à trajetória pessoal e profissional da primeira autora, natural do interior do Amazonas e graduada nessa universidade. Trata-se de escolha metodológica e política que dialoga com a epistemologia feminista ao considerar que todo conhecimento é situado e que a inserção geográfica, social e cultural influencia diretamente as formas de saber que são produzidas, legitimadas ou silenciadas.

O objetivo da revisão foi mapear pesquisas que referenciam a epistemóloga feminista Donna Haraway e compreender os temas a partir dos quais sua obra tem sido mobilizada, com especial atenção à área de ciências exatas e naturais.

3 Pesquisas da Universidade Federal do Amazonas em diálogo com Donna Haraway

Assumimos na metodologia que a escolha dessa instituição da região Norte do Brasil reflete uma decisão política alinhada à epistemologia feminista ao reconhecer produções acadêmicas situadas no Amazonas, território geográfico periférico, e à trajetória pessoal da primeira autora, originária do interior desse estado. Dito isso, o mapeamento, no Repositório da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFAM, deu-se a partir do descritor “Haraway” e retornou 34 pesquisas, distribuídas entre teses e dissertações. Essas 34 pesquisas analisadas tratam de uma diversidade de assuntos abordados por Donna Haraway em seus trabalhos, como Saberes localizados, Ciborguização dos corpos, Pensamento multiespécie e Chthuluceno.

O Quadro 1 expõe as pesquisas analisadas a partir do título, da autoria, do Programa de Pós-Graduação (PPG) e do conceito mobilizado pelo(a) pesquisador(a).

Quadro 1 – Pesquisas localizadas para o descritor “Haraway”

	Título	Autor(a)	PPG	Conceito
1	Escrevivências de corpos racializados com a assistência médica em Careiro/AM e Manaus/AM	Queiroz (2023)	PPGAS	Saberes localizados
2	A política do cuidado no cotidiano de mulheres amazônidas remanescentes de quilombolas da comunidade São Francisco do Bauana	Rodrigues (2024)	PPGAS	Saberes localizados
3	A Comissão da Mulher Advogada da OAB Amazonas e o amparo às vítimas de violência doméstica: um levantamento de dados no Sistema de Justiça do Amazonas	Presti (2021)	PPGD	Saberes localizados
4	Formação superior e ressignificação do papel etnopolítico de mulheres indígenas na esfera pública no Alto Solimões/Amazonas	Oliveira (2022)	PPGSCA	Saberes localizados
5	O peixe sobre beiju é o leite e a espuma de buiuu: uma reflexividade antropológica indígena sobre a gestão cosmopolítica tukano no Alto Rio Negro	Barreto (2023)	PPGAS	Saberes localizados
6	O’ramako kahyana: reativações no kahu	Pedrosa (2023)	PPGAS	Saberes localizados
7	Entre “Banzeiros”: sofrimentos e resistências de mulheres amazônidas migrantes durante a trajetória de escolarização do Ensino Superior	Silva (2024)	PPGPSI	Saberes localizados
8	“Deixou de frequentar”: experiências de abandono escolar entre mulheres estudantes da EJA na Zona Norte de Manaus/AM	Victoria Lima (2025)	PPGAS	Saberes localizados
9	Entre deslocamentos e fronteiras: autoetnografia Tariana sobre o cuidado ao povo Hupda no Alto Rio Negro	Araújo (2025)	PPGSCA	Saberes localizados
10	A gente não é fabricada numa linha de produção pra ser tudo igual: desafios, potencialidades e resistências na saúde de mulheres bissexuais em Manaus/AM	Pereira (2025)	PPGPSI	Saberes localizados
11	Criatividade e inovação: o rápido desenvolvimento das tecnologias culturais dos meios digitais em Manaus	Melo (2025)	PPGSCA	Saberes localizados
12	Territorialidades indígenas e conexões vegetais: entre cidades e aldeias no Médio Solimões	Câmpera (2025)	PPGAS	Saberes localizados
13	Gingando contra silêncios e invisibilidades: de capoeiristas do século XXI à Guerra do Paraguai	Santos (2025)	PPGAS	Saberes localizados
14	Sob o espelho de Oxum: afetos, maternagem e ações sociopolíticas de mulheres lésbicas negras e afro-indígenas em Manaus/AM (1992-2020)	Michele Lima (2025)	PPGH	Saberes localizados
10	Refatoração Antropológica: proposições para repensar diversidade de gênero e raça em sistemas de Inteligência Artificial	Mayane Lima (2025)	PPGAS	Ciborgue

15	Corpo, gênero e identidade: experiências transgênero na cidade de Manaus	Wittmann (2016)	PPGAS	Ciborgue
16	Pacto de silêncio: uma análise acerca do estupro na universidade	Andrade (2022)	PPGAS	Ciborgue
17	Lugar de mulher: a participação da indígena nos movimentos feministas e indígenas do estado do Amazonas	Vieira (2017)	PPGSCA	Ciborgue
18	Em defesa da(s) família(s): discursos sobre conjugalidades não heteronormativas no Legislativo federal e no Judiciário brasileiros (1995-2017)	Nogueira (2018)	PPGS	Ciborgue
20	Cabelo, corpo e identidade: etnografia sobre a construção da identidade de mulheres trans e travestis em Manaus	Monteiro (2024)	PPGSCA	Ciborgue
21	O museu é coisa de Kokama: museu indígena Kokama e o fortalecimento da identidade étnica	Silva (2022)	PPGSCA	Ciborgue
22	Devir-fungo: uma experimentação etnográfica com a fermentação	Peter (2023)	PPGAS	Pensamento multiespécie
23	Florestas domesticadas, controvérsias selvagens: uma incursão ao debate sobre a domesticação da Amazônia	Soares (2024)	PPGAS	Pensamento multiespécie
24	Neurobiologia das plantas: uma perspectiva interespecífica sobre o debate	Soares (2018)	PPGAS	Pensamento multiespécie
25	Multiversidade dos povos da terra de Mãe Preta: teias de sabenças e protegimentos	Silva (2025)	PPGAS	Chthuluceno
26	Fios de Manacá: narrativas dos juticultores da comunidade São Sebastião da Ilha do Marrecão	Vasconcelos (2025)	PPGSCA	Chthuluceno
27	Nas mãos da justiça e na boca do povo: criminalidade feminina e papéis de gênero na Amazônia (1890-1915)	Dantas (2024)	PPGH	Ausente
28	Letramentos digitais no contexto do cenário pandêmico na educação pública de Manaus: reflexões sobre formação continuada e práticas de ensino a partir da análise dialógica do discurso docente	Mustafa (2023)	PPGE	Ausente
29	Artistas e viajantes: um estudo etnográfico sobre o modo de vida itinerante de artistas de rua	Martins (2015)	PPGAS	Ausente
30	“Aprendendo e mudando a vida da gente”: a construção de lideranças femininas nas ocupações de moradia urbana Pascoal Alágio e Castanhal em Parintins/AM (2016-2020)	Gonçalves (2022)	PPGAS	Ausente
31	As mulheres nas carreiras jurídicas no país dos bacharéis: avanços e desafios de advogadas e magistradas no estado do Amazonas	Paiva (2019)	PPGSCA	Ausente
32	Tempos desarticulados? Aceleração, nostalgia e experiências contemporâneas do tempo em Zygmunt Bauman	Azevedo (2024)	PPGH	Ausente
33	Mulheres e deslocamento: um olhar sobre as viagens de ônibus	Souza	PPGAS	Ausente

	em Manaus	(2023)		
34	Metáforas da degradação: um estudo ecocrítico de textos literários de expressão amazônica	Alves (2024)	PPGL	Ausente

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das informações da pesquisa (2025)

Legenda:

PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

PPGD – Programa de Pós-Graduação em Direito

PPGSCA – Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia

PPGPSI – Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PPGH – Programa de Pós-Graduação em História

PPGS – Programa de Pós-Graduação em Sociologia

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGL – Programa de Pós-Graduação em Letras

O mapeamento permitiu identificar, conforme exposto no Quadro 1, que o trabalho da bióloga Donna Haraway mais citado dentre as pesquisas foi “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” (Haraway, 2009), seguido por “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX” (Haraway, 2019) em pesquisas que trouxeram a ciborguização dos corpos. Os(as) autores(as) que trabalharam com o Pensamento multiespécie, por sua vez, citaram os textos *Quando as espécies se encontram* (Haraway, 2008, tradução nossa) e *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa* (Haraway, 2021). Outro trabalho de Haraway referenciado pelos(as) pesquisadores(as) que exploraram Capitaloceno e Chthuluceno foi “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes” (Haraway, 2016).

Na Figura 1, a nuvem de palavras representa a frequência com que os conceitos de Saberes localizados, Ciborgue, Pensamento multiespécie e Chthuluceno foram mobilizados nos trabalhos analisados.

Figura 1 – Nuvem de palavras da frequência dos conceitos mobilizados

CIBORGUIZAÇÃO

SABERES LOCALIZADOS

PENSAMENTO MULTIESPÉCIE

CHTHULUCENO

Fonte: Elaborada pelas autoras via WordArt (2025)

A obra de Donna Haraway tem desempenhado um papel central na renovação dos debates feministas sobre ciência, tecnologia e produção de conhecimento, articulando epistemologia, crítica cultural e políticas da vida. Um dos eixos que fundamentam sua contribuição é a noção de saberes situados, proposta em contraposição à ideia de objetividade neutra e universal.

Pensar em como a localização social do sujeito do conhecimento afeta o que ele sabe passou a ser o foco de representantes da corrente epistemológica feminista, dentre os(as) quais está a filósofa estadunidense Donna Haraway. A autora, ao tratar de Saberes localizados, afirma que “todo conhecimento é um nódulo condensado num campo de poder agonístico” (Haraway, 2009, p. 10), ou seja, o conhecimento não é neutro nem universal, e sim situado dentro de relações de poder e disputa.

Ao longo dos anos, a pesquisa feminista acadêmica tentou, por repetidas vezes, desmascarar o viés desqualificador adotado pelos cientistas e filósofos masculinistas que defendem o sujeito do conhecimento como um “ser descorporificado”. Defensores(as) da epistemologia feminista acreditam que tudo não passa de uma conspiração disfarçada por parte dos filósofos construcionistas sociais defensores do conhecimento neutro e universal, ou seja, “o ‘nós’ imaginado são os outros corporificados, a quem não se permite não ter um corpo, um ponto de vista finito e, portanto, um viés desqualificador e poluidor em qualquer discussão relevante [...]” (Haraway, 2009, p. 7). Ao propor uma reformulação profunda na maneira de pensar o conhecimento, a epistemologia feminista insere uma nova perspectiva no debate da objetividade que agora “trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto” (Haraway, 2009, p. 21).

Em seu estudo “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, Donna Haraway (2009) apresenta a ideia de Saberes localizados, também referenciados como “conhecimentos situados”, “conhecimentos

localizados” e “saberes situados”. A filósofa argumenta “a favor do conhecimento situado e corporificado e contra várias formas de postulados de conhecimentos não localizáveis e, portanto, irresponsáveis” (Haraway, 2009, p. 22). Além do mais, ela trata dos conhecimentos localizados como uma forma de objetividade feminista em que o conhecimento rejeita a ideia de uma visão transcendente e universal, promovendo um olhar parcial e relacional. Nesse contexto, Haraway (2009, p. 18) almejava “uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, Saberes localizados”.

Com sua proposta de Saberes localizados, Donna Haraway argumenta que a objetividade não é alcançada pela negação do ponto de vista, mas sim pelo reconhecimento consciente das posições e contextos a partir dos quais se conhece, sendo o saber sempre parcial, localizado e perpassado por marcadores como gênero, raça, classe e cultura. Sendo assim, não se buscam “os saberes comandados pelo falogocentrismo (saúde da presença da palavra única e verdadeira) e pela visão incorpórea, mas aqueles comandados pela visão parcial e pela voz limitada” (Haraway, 2009, p. 33).

Nesse movimento, Haraway também mobiliza a metáfora do Ciborgue, figura híbrida que rompe as fronteiras rígidas entre humano e máquina, natureza e cultura, corpo e tecnologia. Longe de uma visão futurista despolitizada, o Ciborgue é uma estratégia teórica e política para questionar dicotomias que sustentaram o projeto científico contemporâneo (corpo/mente, sujeito/objeto, masculino/feminino) e expor como essas separações legitimaram hierarquias e exclusões. O Ciborgue, portanto, não simboliza apenas a fusão material com dispositivos tecnológicos, mas uma condição epistêmica situada, que reconhece a constituição mútua entre corpos, saberes, tecnologia e poder. Ao propor essa figura liminar, Haraway desloca a ideia de um sujeito universal do conhecimento, reafirmando que toda produção científica emerge de posicionamentos corporais, históricos e tecnológicos. Nesse sentido, a epistemologia feminista não apenas questiona os pressupostos tradicionais da ciência moderna, como também propõe uma ciência que “[...] diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada” (Haraway, 2009, p. 33), apresentando novas formas de pensar o conhecimento, a partir de uma visão mais inclusiva, crítica e consciente de seus contextos sociais.

Outro eixo importante em sua obra se refere às relações multiespécies, que deslocam

a centralidade do humano como agente isolado da história natural e social. Haraway argumenta que viver e conhecer são práticas inseparáveis de coabitação com outros seres, humanos e não humanos. A autora enfatiza as interdependências ecológicas, afetivas e simbióticas como elementos constitutivos do mundo comum. Ao destacar a coevolução e as alianças interespecies, ela desafia modelos tradicionais que separam natureza e cultura e propõe imaginar modos de vida baseados em cuidado, reciprocidade e responsabilidade compartilhada. Haraway (2011, p. 48) aponta que “aprender a compartilhar não mimeticamente a dor de outros animais é uma abertura ontológica, um problema prático e uma obrigação ética dos seres humanos. [...] A capacidade de responder pode ainda ser reconhecida e cultivada nesta terra”. Essa perspectiva amplia o escopo das epistemologias feministas, incorporando dimensões ecológicas e pós-humanistas.

3.1 Conceitos mobilizados pelas teses e dissertações analisadas

As pesquisas que se utilizaram do conceito de Saberes localizados abordam uma diversidade de temáticas, como raça, etnia, estudos feministas e de gênero. Vale destacar que a tese de Barreto (2023), por exemplo, dialoga pontualmente com Donna Haraway ao mencionar a ideia de “saberes localizados femininos” na frase “O aturá de cipó-titica foi introduzido na Amazônia colombiana pelos ‘saberes localizados femininos’ das mulheres do povo hupda” (Barreto, 2023, p. 85) e faz referência em nota de rodapé. Todavia, não desenvolve discussões sobre relações de gênero, desigualdades, epistemologias feministas ou análise crítica das estruturas patriarcais, que são elementos centrais nos estudos feministas. Seu eixo analítico permanece ancorado na antropologia indígena e na reflexividade etnográfica, tendo como foco principal as práticas, os memoriais e os conhecimentos do povo Tukano no Alto Rio Negro. Assim, a referência a Haraway funciona como apoio conceitual pontual, e não como fundamento teórico-metodológico, de modo que a tese não pertence ao campo dos estudos feministas. Além disso, a expressão empregada pontualmente na tese constitui uma interpretação ou adaptação do conceito de “Saberes localizados” de Haraway ao contexto indígena feminino, e não uma formulação original da autora em seus escritos.

As pesquisas que dialogam com os estudos feministas e de gênero se utilizam, em sua maioria, do conceito de ciborguização dos corpos. Souza (2023), por exemplo, embora se insira nesses campos e referencie o texto “‘Gênero’ para um dicionário marxista: a política

sexual de uma palavra”, não mobiliza esse ou outros conceitos apresentados neste trabalho. Esse texto, publicado em 2004 na revista *Cadernos Pagu*, é uma reflexão densa e autoirônica em que Haraway analisa a história, os usos e as disputas em torno do conceito de gênero, mostrando que ele é um campo de batalha teórico e político, especialmente quando colocado em diálogo com o marxismo.

Em relação ao conceito de multiespécies, três pesquisas (Peter, 2023; Soares, 2018, 2024) mobilizam muitos conhecimentos da área da biologia, e, à primeira vista, acreditamos que se inseriam nesse campo. Porém, uma análise mais cuidadosa revelou que se trata de investigações interessadas em compreender como a ciência produz seus objetos e referenciais de conhecimento, e não de ciências naturais.

Peter (2023), por exemplo, buscando sinalizar a insurreição fúngica em curso e destacar processos de fermentação de substâncias, utiliza as ideias de Haraway a fim de reiterar que as criaturas não precedem seus relacionamentos, entretanto mantêm-se unidas pela dinâmica das suas relações. Essa relação de Haraway com os estudos multiespécies fica mais clara em um dos escritos de Peter (2023, p. 97): “enquanto escrevemos nossas partituras alimentares embarcamos em um devir fermentativo, um devir microbiológico... porque, como bem lembrou Donna Haraway ‘We never been human’”.

Além do mais, Peter (2023, p. 7), mencionando Haraway (2016), cita que “a proposta da bióloga Donna Haraway é ‘entrelaçar as ciências biológicas, as artes, os estudos históricos e o ativismo político para que se fortaleçam entre si’ a partir da ‘viral response-ability’ (habilidade de resposta viral)”. Seguindo com esse entrelaçamento das ciências abordado pela autora, ela também traz o termo “Antropoceno”, que vem sendo bastante discutido nos últimos anos ao tratar da influência humana no meio ambiente. Em sua análise, Peter relaciona o termo às ideias da autora, afirmando que “Haraway também propõe enfrentar os problemas de maneira coletiva. As mesmas forças que produziram o Antropoceno podem ser mobilizadas para ensaiar outras combinações” (Peter, 2023, p. 8).

A pesquisa de Guilherme Henriques Soares no mestrado aborda a “perspectiva das plantas”, porém o objetivo não é gerar dados biológicos, mas analisar conceitualmente como a neurobiologia das plantas formula seus conceitos e modos de abordagem. No doutorado, ao investigar a domesticação da Amazônia, o autor amplia esse enfoque para outro campo científico, examinando como saberes biológicos, ecológicos e arqueológicos são elaborados e

interpretados.

A crítica de Haraway ao Antropoceno também se insere nesse movimento de questionamento das narrativas hegemônicas sobre o planeta. Ela argumenta que o termo, ao atribuir a crise ambiental ao “humano” de maneira homogênea, obscurece desigualdades históricas e geopolíticas na produção da devastação ambiental. Como alternativa, propõe o Chthuluceno, conceito que busca enfatizar as múltiplas forças, vínculos e seres que compõem o planeta em permanente transformação. Haraway (2016, p. 140) salienta que

[...] mais do que um grande nome, na verdade, é preciso pensar num novo e potente nome. [...] Talvez, mas só talvez, e apenas com intenso compromisso e trabalho colaborativo com outros terranos, será possível fazer florescer arranjos multiespécies ricos, que incluam as pessoas. Estou chamando tudo isso de Chthuluceno — passado, presente e o que está por vir.

O Chthuluceno não é um período geológico, mas uma proposta ética e imaginativa para enfrentar as crises ambientais de forma não apocalíptica e cultivando modos de coexistência multiespécie.

Partindo da ideia de Chthuluceno, em que Haraway destaca a necessidade de cooperação mútua entre as espécies e enfatiza que a sobrevivência e o bem-estar de uma espécie estão relacionados aos das outras, Vasconcelos (2025) e Silva (2025) destacam a relação dos povos da Amazônia e quilombolas com o ambiente, enfatizando as normas sociais estabelecidas com a natureza que os cerca. No trecho em que Haraway aparece, Vasconcelos (2025) faz um diálogo entre as ideias dela e de outros autores, como Santos (2016), por exemplo, que aborda o cuidado dos povos amazônicos com a natureza. Nesse contexto, Vasconcelos (2025, p. 100) expõe o princípio que guia a vida dos povos tradicionais da Amazônia “a partir de um número de modos de vida e culturas, que também se interpenetram ou emergem uma das outras (Welsch, 1999) a partir de processos simpoiéticos no fazer cultura com a natureza, no estar junto com a natureza (Haraway, 2016)”.

Vale destacar que alguns textos que citam Donna Haraway não mobilizam nenhum conceito específico e o diálogo com a autora é limitado (marcados como “ausente” no Quadro 1). Um exemplo é o caso de Dantas (2024), que traz a filósofa somente nas referências, com o texto “‘Gênero’ para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra” (Haraway, 2004). Ou mesmo Mustafa (2023), Dantas (2019) e Alves (2024) que estão entre as pesquisas retornadas para o descritor “Haraway” pelo fato de o nome da autora aparecer no corpo da citação de outro (a) autor (a). Temos ainda Martins (2015), o qual expõe o nome de Haraway

entre parênteses devido à necessidade de citar a expressão “objetividade situada”, não passando disso. Gonçalves (2022) menciona Donna Haraway no corpo do texto de forma equivocada ao tratar da teoria do “ponto de vista” e, nas referências finais, referencia a filósofa Sandra Harding, que discute esse conceito. E Azevedo (2024) cita o nome “Haraway” em uma nota de rodapé, sem fazer referência à sua obra.

Alguns(as) autores(as) (Oliveira, 2022; Pedrosa, 2023; Vieira, 2017; Vasconcelos, 2025) citam Haraway e também mobilizam o conceito de bem - viver, referindo-se a Acosta (2016), Krenak (2020) ou Kopenawa (2015). Vale ressaltar que Vasconcelos (2025) está entre os(as) autores(as) que mobilizam o conceito de bem - viver (Krenak, 2020; Kopenawa, 2015; Acosta, 2016). Contudo, embora a obra de Haraway ofereça potencial para dialogar com esse conceito, tal articulação não é explicitada nos trabalhos analisados. Além do mais, a obra de Haraway demonstra grande potencial para dialogar com as ciências exatas, como evidenciam trabalhos citados na introdução; porém, nos materiais analisados, ela aparece referenciada apenas em pesquisas nas áreas da antropologia e das ciências sociais.

4 Discussão dos resultados

É importante iniciar este tópico ressaltando que o mapeamento apresentado constitui um recorte específico, baseado em investigação realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFAM. Sendo assim, reconhece-se que outras pesquisas podem ser conduzidas para ampliar e aprofundar as análises aqui desenvolvidas. Como já explicado em seções anteriores, a opção pela base de dados e instituição trata-se de uma escolha pessoal e profissional da primeira pesquisadora, natural do interior do Amazonas e graduada em Matemática e Física nesta universidade.

Dito isso, esta revisão teve como objetivo mapear pesquisas que vêm referenciando a epistemóloga feminista Donna Haraway e compreender os temas a partir dos quais sua obra tem sido mobilizada, com especial atenção à área de ciências exatas. O estudo iniciou-se com a leitura dos textos da filósofa, a fim de compreender as contribuições desta para o campo da produção de conhecimento. A leitura cuidadosa de textos da pesquisadora permitiu identificar os principais conceitos desenvolvidos pela autora e se constituiu como base fundamental para uma análise mais crítica das pesquisas mapeadas, nas quais os conceitos de Haraway foram mobilizados.

Dialogar com as obras de Donna Haraway está longe de ser uma tarefa fácil, contudo deixar de dialogar, quando necessário, pode revelar-se ainda mais complexo. Essa ausência de diálogo pode ser comparada à própria dicotomia apontada pela autora, quando explicita: “parece-me que as feministas, seletiva e flexivelmente, têm se utilizado, e sido apanhadas, por dois pólos de uma tentadora dicotomia em relação à objetividade” (Haraway, 2009, p. 8). Nessas visões tentadoras, “nenhuma perspectiva interna é privilegiada, já que todas as fronteiras internas-externas do conhecimento são teorizadas como movimentos de poder, não movimentos em direção à verdade” (Haraway, 2009, p. 9).

Não foram poucas as pesquisas que mobilizaram Haraway e suas propostas de estudo de forma limitada. Em alguns casos, a autora foi mencionada apenas nas referências bibliográficas ou apareceu de forma restrita no corpo da citação de outro autor, chegando, inclusive, a ser confundida com outra pesquisadora (Sandra Harding).

De acordo com as disposições das ideias de Haraway nas pesquisas, foi possível identificar cinco grupos distintos, começando com os trabalhos que trouxeram Haraway no sentido dos conhecimentos localizados, seguindo com ciborguização, Pensamento multiespécie, Chthuluceno, até aquelas produções em que os conceitos não apareceram. Um total de 14 pesquisadores (as) referenciaram a autora fazendo menção à sua proposta de Saberes localizados, outros (as) 6 mencionaram a ciborguização dos corpos, 4 autores (as) trouxeram a autora para dialogar com o Pensamento multiespécie, e 2 pesquisadores (as) remeteram a Haraway trazendo o conceito de Chthuluceno.

Nas pesquisas que citaram os Saberes localizados, foi possível perceber a presença marcante de Haraway em algumas produções, como é o caso da dissertação de Queiroz (2023), por exemplo, que localiza a escrita de suas vivências nas solicitações da epistemóloga no sentido de situar-se, chegando a usar as ideias de Haraway como aporte teórico. Além disso, Rodrigues (2024), ao discutir sobre as mulheres amazônidas remanescentes de quilombolas, dialoga com Haraway a ponto de afirmar que a filósofa “propõe a perspectiva de Saberes localizados, que se refere à construção de teorias sociais baseadas em conhecimentos pautados por métodos e análises empíricas, tendo como base o lugar particular de fala e de experiência de mulheres que forjam novos saberes” (Rodrigues, 2024, p. 92). Ainda, Araújo (2025) dialoga com Haraway à medida que narra suas vivências como assistente social indígena do povo Tariano, declarando que a autoetnografia situada adotada em sua pesquisa

“fundamenta-se no conceito de Saberes localizados de Donna Haraway, reconhecendo que esta produção não é definitiva, mas sim uma contribuição situada, em diálogo com outras experiências” (Araújo, 2025, p. 19).

Em outras pesquisas, embora haja um diálogo com Haraway, suas ideias se restringem a um único parágrafo ou frase, como é o caso de autores(as) como Presti (2021), Oliveira (2022), Barreto (2023), Pedrosa (2023), Silva (2024), Melo (2025), Michele Lima (2025) e Victoria Lima (2025), que trazem a filósofa para reafirmar a reivindicação do corpo na produção do conhecimento. Victoria Lima (2025), inclusive, mesmo que de forma breve, faz uso das palavras da autora para alertar sobre os perigos de ser muito universal, enfatizando que, “ao privilegiar uma objetividade corporificada, podemos acessar outros saberes e conhecimentos — parciais e localizados” (Lima, Victoria, 2025, p. 23). Há ainda pesquisas em que Haraway aparece apenas nas referências, como em Câmpora (2025) e Santos (2025). Um ponto interessante a se analisar é que muitos(as) dos(as) pesquisadores(as) desenvolvem discussões sobre relações de gênero, desigualdades, epistemologias feministas ou análise crítica das estruturas patriarcais, que são elementos centrais nos estudos feministas, mas não dialogam com Haraway.

Nas pesquisas em que Donna Haraway foi referenciada para mobilizar o conceito de Ciborgue, nota-se um espaço maior de diálogo entre os(as) pesquisadores(as) e as ideias de Haraway. As produções que, em sua totalidade, são voltadas aos estudos de gênero proporcionam uma conversa mais aberta com a filósofa, como é o caso de autores(as) como Mayane Lima (2025), Wittmann (2016), Vieira (2017) e Monteiro (2024). Tanto é que Wittmann (2016) baseia-se em Haraway para afirmar que “a ciborguização do corpo, ou seja, hibridização entre orgânico e inorgânico, é uma realidade, já que, através de ferramentas farmacológicas e mesmo prostéticas, rompemos a barreira dos nossos corpos levando-os para além do limite da pele” (Wittmann, 2016, p. 114-115). Mayane Lima (2025), por sua vez, utiliza o Ciborgue de Haraway não como metáfora, mas “como figura de pensamento, [...] um híbrido entre organismo e máquina, entre o natural e o artificial, entre o humano e o não-humano, entre o biológico e o tecnológico [...]” (Lima Mayane, 2025, p. 202). Há, entretanto, pesquisas que dialogam de forma mais superficial com Haraway, como é o caso de Nogueira (2018) e Silva (2022).

Entre as pesquisas que trouxeram Haraway para fundamentar o Pensamento

multiespécie, temos o trabalho de Peter (2023), em que a autora, que tem o seu estudo voltado a uma experimentação etnográfica sobre a fermentação, dialoga frequentemente com Haraway. As outras duas pesquisas que se encaixaram no grupo do Pensamento multiespécie pertenciam a Soares (2018, 2024), correspondendo a dissertação e tese. Na dissertação, é possível ver a presença de Haraway de forma mais frequente, uma vez que o autor dialoga pontualmente com o texto de *When species meet* (Haraway, 2008), chegando a expressar que a nossa empatia é mais que necessária em tempos de extinções, tendo em vista que “as vidas e mortes de outros seres estão implicadas em nossa existência, é um passo importante para começarmos a desenvolver práticas mais responsáveis — e responsivas, como colocado por Haraway (2011) — de intervenção e sobrevivência” (Soares, 2018, p. 68). Em sua tese, todavia, a presença de Haraway é limitada, sendo vista apenas em um trecho a respeito das multiespécies, bem como no rodapé e nas referências.

Por fim, em um número menor, mas não menos importante, tivemos os trabalhos que mobilizaram o conceito de Chthuluceno, que diz respeito às pesquisas de Vasconcelos (2025) e Silva (2025). Vale lembrar que, ao propor o conceito de Chthuluceno, Haraway pensou em “unir forças para reconstituir refúgios, para tornar possível uma parcial e robusta recuperação e recomposição biológica-cultural-política-tecnológica, que deve incluir o luto por perdas irreversíveis” (Haraway, 2016, p. 2). Em sua pesquisa, Vasconcelos (2025) não se aprofunda na discussão do conceito Chthuluceno, fazendo alusão a essa proposta de estudo apenas em um trecho em que comenta sobre os processos simpoiéticos no fazer cultura com a natureza, no estar junto com a natureza, citando a filósofa e, em seguida, o texto nas referências.

Haraway possibilita diálogos com a área de ciências exatas e naturais, como evidenciam trabalhos externos ao corpus analisado, desenvolvidos na área de educação em ciências/química (Faustino, 2024), educação matemática (Pisani, 2020), história da ciência/educação em ciências (Sepúlveda, 2022) e história de mulheres nas exatas (Menezes, 2015). Contudo, entre as produções identificadas nesta revisão, não foram encontrados trabalhos vinculados a essas áreas. Algumas pesquisas, como a de Peter (2023), inicialmente pareciam inserir-se no campo das ciências naturais, no entanto afastam-se dessa categoria ao se dedicarem à análise de como a ciência produz seus objetos e referenciais de conhecimento, e não de ciências naturais em sentido restrito. O mesmo ocorre em relação às ciências exatas; nenhuma das pesquisas que referencia Haraway abriu espaço para a interlocução com essa

área, mesmo sendo evidente o grande potencial de diálogo entre os estudos da autora e esses dois campos de conhecimento.

5 Algumas considerações

O mapeamento permitiu identificar tanto a importância da filósofa Donna Haraway na produção do conhecimento da UFAM quanto o distanciamento do diálogo de parte dos(as) pesquisadores(as) e de suas obras. Como vimos, embora Haraway seja frequentemente mencionada, sua presença nem sempre aparece de forma marcada. Em muitos casos, a autora é citada de maneira solta, restrita a referências, ou mesmo chegando a ser confundida com outras autoras. Tudo isso nos faz refletir sobre o nível de compreensão dos(as) pesquisadores(as) da UFAM em face das propostas teóricas da autora.

E não termina por aí, este estudo nos revelou que, mesmo os conceitos de Saberes localizados, ciborguização, Pensamento multiespécie e Chthuluceno demonstrando grande possibilidade para dialogar com as ciências, retornou-se à ausência de pesquisadores(as) das ciências exatas e naturais na mobilização dos conceitos de Haraway, revelando que os campos de conhecimento defendidos pela autora ainda são pouco explorados. Diante da falta desse diálogo, consideramos interessante apresentar um trecho em que Haraway afirma que os Saberes localizados exigem “que o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso, e, finalmente, nunca como um escravo do senhor que encerra a dialética apenas na sua agência e em sua autoridade de conhecimento ‘objetivo’” (Haraway, 2009, p. 36).

Em relação aos PPGs, a análise do mapeamento viabilizou identificar a distribuição das pesquisas que mobilizam, mencionam ou dialogam com Donna Haraway nos diferentes PPGs da UFAM. No total, foram encontradas 34 pesquisas, distribuídas da seguinte forma: PPGAS (17), PPGSCA (8), PPGH (3), PPGPSI (2), PPGD (1), PPGS (1), PPGE (1) e PPGL (1). Observa-se que a maior concentração ocorre no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), seguido pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), o que evidencia que os diálogos com Haraway estão fortemente associados às áreas de antropologia, estudos culturais, humanidades e ciências sociais.

Entretanto, é importante destacar que, embora a UFAM possua programas voltados ao ensino de ciências, como o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e

Humanidades (PPGECH) e o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM), nenhuma pesquisa desses programas foi localizada no mapeamento com diálogo com a epistemóloga feminista Donna Haraway.

Mesmo com a crescente presença de debates sobre gênero, ciência, tecnologia e epistemologias feministas na literatura internacional e nacional, esse resultado evidencia uma lacuna relevante: tais perspectivas ainda não têm sido incorporadas às pesquisas em ensino de ciências desenvolvidas na UFAM. Assim, os dados revelam não apenas a predominância de diálogos com Haraway nas ciências humanas e sociais, mas também uma oportunidade de ampliação teórica para os programas de ensino de ciências da UFAM, que podem se beneficiar de aportes feministas críticos para repensar práticas, epistemologias e modos de produção de conhecimento no campo educacional.

Logo, este estudo representa mais do que a análise de como Donna Haraway tem sido referenciada entre os pesquisadores de uma universidade federal da região Norte, ele mostra ausências a serem preenchidas nas pesquisas dessa instituição, com vistas à possibilidade de futuros diálogos entre pesquisadores das áreas de ciências exatas e naturais e as ideias da feminista Donna Haraway. Para finalizar, comparamos a presença limitada de Haraway nas pesquisas da UFAM à extinção das espécies mencionadas pela autora; assim como as espécies estão desaparecendo, os pensamentos dela quase não aparecem. Como a própria Haraway (2016, p. 3) enfatiza, estar “à beira da extinção não é apenas uma metáfora; e colapso do sistema não é apenas um filme de suspense. Pergunte a qualquer refugiado, de qualquer espécie”.

Referências

ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária. Elefante, 2016.

BIEMBENGUT, M. S. *Mapeamento na pesquisa educacional*. [S. l.]: Ciência Moderna, 2008.

BORGES, D. A influência platônica sobre a Modernidade: semelhanças entre o pensamento de Platão e o sistema de René Descartes. *Polymatheia Revista de Filosofia*, 2013. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/911464/a-influ%C3%Aancia-plat%C3%B4nica-sobre-a-modernidade--semelhan%C3%A7as>. Acesso em: 22 mai. 2025.

CALVELLI, H. G.; LOPES, M. de F. *Teoria do conhecimento e a epistemologia feminista*. NIEG/UFV, 2009, p. 347-353. Disponível em: <http://146.164.248.81/hcte/downloads/sh/sh4/trabalhos/Haudrey.pdf>. Acesso em: 22 mai.

2025.

CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRONÔMICAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (FCA/UNESP). *Tipos de revisão de literatura*. Botucatu: Biblioteca Professor Paulo de Carvalho Mattos. 2015. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2024.

FAUSTINO, G. A. A. *et al.* Professores/as per(formando) gênero: corporeidades, hormônios e a educação em ciências/química. *Química Nova na Escola*, 2024. DOI: <https://doi.org/10.21577/0100-4042.20240006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/5XRPL7GgMtCNbbWTwG5hTby/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2025 .

FEYERABEND, P. K. *Diálogos sobre o conhecimento*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

HARAWAY, D. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 27-64, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/PPqQD7Yzn8WvzzDfX5Scjvz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Tradução: Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom – Vulnerabilidade*, Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

HARAWAY, D. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, n. 22, p. 201-246, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/cVkJRgkCBftnpY7qgHmzYCgd/?lang=pt>. Acesso em: 18 mai. 2025 .

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 157-210.

HARAWAY, D. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Tradução: Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 29 abr. 2025.

HARAWAY, D. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

KETZER, P. *Epistemologia feminista*. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, v. 7, n. 2, p. 1-27, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/epistemologia-feminista/>. Acesso em: 22 maio 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*; Tradução: Beatriz Perrone-Moises. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Caminhos para a cultura do bem viver*. Organizado por Bruno Maia. Rio de Janeiro: Escola Parque do Rio de Janeiro, 2020.

LETA, J. Mulheres na ciência brasileira: desempenho inferior? *Revista Feminismos*, v. 2, n. 3, set./dez. 2014.

LONGINO, H. Epistemologia feminista. In: GRECO, J.; SOSA, E. (org.). *Compêndio de Epistemologia*. Tradutores: Alessandra Siedschlag Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2012.

LOPES, E. B. *Multiculturalismo e ideias matemáticas em práticas socioculturais: possibilidades para o processo de ensino da matemática no estado do Amazonas*. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 2012.

MARTINS, K. S. B. da S. *Currículo escolar e saberes locais: ressignificação da prática curricular docente*. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

MENEGAT, R. *Introdução à epistemologia*. Porto Alegre: Instituto de Geociências, 2014.

MENEZES, M. B. A matemática das mulheres: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (1941–1980). 2015. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23639>. Acesso em: 23 mar. 2025 .

NUNES, Á. O racionalismo de Descartes. *Crítica*, 2017. Disponível em: https://criticanarede.com/his_descartes.html. Acesso em: 22 maio 2022.

OLIVEIRA, I. A. de. *Epistemologia e educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas*. Petrópolis: Vozes, 2016.

VIANA, B. L. N.. Feminismo e educação matemática: traçando possibilidades. *RIPEM – Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*, v. 10, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.37001/ripem.v10i3.2690>. Disponível em: <https://www.sbembrasil.org.br/periodicos/index.php/ripem/article/view/2690/1864>. Acesso em: 22. jun. 2025.

RIBEIRO, D. *Lugar de fala: feminismos plurais*. Coordenação: Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SEPÚLVEDA, C. História da ciência, crítica feminista e educação antiopressiva. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 15, n. 2, p. 491-515, jul./dez. 2022.

SOARES, M. H. S. Sandra Harding. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, v. 7, n. 4, p. 1-22, 2025.

SOUZA, D. C. de. *Mulheres e deslocamento: um olhar sobre as viagens de ônibus em Manaus*. 2023. 71 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2023. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9797>. Acesso em: 22 jun. 2025.

TESSER, G. J. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. *Educação em Revista.*, n. 10, dez. 1994. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.131>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/RqVtSyMvVkrCQVGtbxKYZpt/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2022.

Recebido em: 15/12/2025.

Aprovado em: 24/07/2026.

Publicado em: 04/08/2026